

ecomuseu

informação



Casa da máquina, circuito da pólvora negra de Vale de Milhaços – © EMS/CDI, Rosa Reis, 2007

Programa de Iniciativas de Serviço Educativo: participe nas actividades deste trimestre
CONSULTE AS PÁGINAS 5, 6 E 7 E INSCREVA-SE ATRAVÉS DA FICHA EM ANEXO, PREENCHENDO-A E ENVIANDO-A AO EMS
OU CONSULTE A PÁGINA DE SERVIÇO EDUCATIVO EM WWW.CM-SEIXAL.PT/ECOMUSEU E INSCREVA-SE PELA INTERNET

▼ VISITE O NÚCLEO NAVAL DO EMS

▼ 24 DE NOVEMBRO

pág. 08



**NOVA MOSTRA FOTOGRÁFICA
TEMPORÁRIA NA OFICINA**
Vento Bota Fora

DIA NACIONAL DA CULTURA CIENTÍFICA
Visitas Temáticas Ciência e Tecnologia
– entre o laboratório e o museu
em parceria com o Instituto Superior
de Agronomia

ÍNDICE

2

EDITORIAL

Património e aprendizagem ao longo da vida

. *Graça Filipe*

3-4

EXPOSIÇÕES

5-6-7

PROGRAMA DE INICIATIVAS DE SERVIÇO EDUCATIVO

8-9-10

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO

. *Fernanda Ferreira*

11-12-13

CONHECER

Uma máquina a vapor centenária, em Vale de Milhaços

. *Fátima Sabino*

14-15-16-17

CARTA DO PATRIMÓNIO DO CONSELHO DO SEIXAL A Necrópole Medieval-Moderna da Quinta de S. Pedro

. *Jorge Raposo*

18-19

AGENDA

20

NÚCLEOS E SERVIÇOS DO EMS

EDITORIAL

PATRIMÓNIO E APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA

Com este boletim 45, o *Ecomuseu Informação* entra no seu 12.º ano de edição. Através deste meio de informação museológica e de divulgação patrimonial e graças aos múltiplos recursos de distribuição simultaneamente proporcionados pela Câmara Municipal do Seixal, as actividades e o acervo do Ecomuseu Municipal do Seixal tornam-se acessíveis a um universo de leitores e de públicos constantemente alargado. Para tal também contribui a divulgação feita no sítio web do EMS. A nossa responsabilidade para com a comunidade de leitores do *Ecomuseu Informação*, que desejamos fidelizar – não apenas acolhendo e folheando este boletim, mas também procurando nele informação de seu interesse ou a abordagem de um assunto que contribua para o desenvolvimento do seu conhecimento ou do seu interesse pessoal por determinada área patrimonial – leva-nos a uma constante procura de melhorias na comunicação dos conteúdos que lhes oferecemos. Pretendemos, por outro lado, ajudar a suscitar num número cada vez mais alargado de leitores a necessidade de acesso e de utilização directa dos recursos e bens patrimoniais, geridos ou não através de instituições ou sistemas museais, como o Ecomuseu Municipal do Seixal, fazendo com que usem os museus e integrem o património como factor de aprendizagem, de modo não formal e em práticas informais, ao longo das suas vidas.

Uma vertente importante da nossa programação baseia-se no conceito de museu enquanto factor e interveniente dinâmico no processo de aprendizagem ao longo da vida. Dada a diversidade de campos temáticos e a pluridisciplinaridade em que assentam os seus principais projectos de investigação, o Ecomuseu utiliza uma considerável variedade de objectos, de espaços e de contextos de interpretação patrimonial como meio de comunicação, tendo como objectivos a integração do património

local e regional em processos de activação de cidadania e potenciando o património como elemento dinâmico de construção identitária e de transmissão de memórias pessoais e sociais. Na perspectiva de se poderem deslocar ao conselho do Seixal ou de explorarem e de melhor conhecerem o seu território, recomendamos aos nossos diferentes leitores que consultem as páginas de Exposições e do Programa de Iniciativas do Serviço Educativo – ou as páginas de Agenda – convidando-os a conhecer o património industrial e técnico corticeiro, o património e a cultura flúvio-marítimos do estuário do Tejo e outros aspectos do património cultural e ambiental do território. Privilegiando também a comunidade escolar, o Serviço Educativo retoma o ciclo de programação de iniciativas e de projectos em interacção com os interlocutores e públicos associados ao contexto educativo formal, mas também diversificando os objectos e temáticas patrimoniais em que se centra a comunicação, através de exposições ou de diferentes percursos no território concelhio.

A aprendizagem nos museus, ao longo da vida, componente essencial do desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade, ganha uma importância crescente e faz parte da visão defendida pela maioria dos profissionais deste sector cultural, nomeadamente estando associado à gestão de património e ao desenvolvimento local. Nessa visão integra-se ainda a necessidade e o papel decisivo da colaboração e das parcerias com distintas organizações e entidades, estabelecidas através dos museus, como no caso do Ecomuseu Municipal do Seixal, envolvendo instituições e pessoas indispensáveis, quer para a investigação e a preservação do acervo e do património cultural e natural, quer para a sua comunicação e valorização.

EXPOSIÇÕES

Para mais informações sobre Exposições e Notícias, consulte o site www.cm-seixal/ecomuseu

NÚCLEO DA MUNDET DO EMS

Exposição temporária**Edifício das Caldeiras Babcock & Wilcox****Até 14 de Outubro****JOAQUIM VIEIRA NATIVIDADE,
UMA VIDA COM A CORTIÇA
(1899-1968)**

Exposição que rende homenagem ao fundador da subcultura científica, divulgando sobretudo as três décadas de labor de Joaquim Vieira Natividade e o seu incontornável legado de conhecimento sobre o sobreiro e a cortiça.



Mostruário de exposição de bobines de papel de cortiça para filtros de cigarros. Acervo do EMS, fundo Mundet & Cª Lda. © EMS / CDI

Exposição temporária**Edifício das Caldeiras Babcock & Wilcox****A partir de 27 de Novembro****CORTIÇA AO MILÍMETRO**

Com base no acervo incorporado e estudado pelo Ecomuseu Municipal, proveniente da

Em exibição, destacam-se alguns objectos que ilustram a actividade do investigador e do homem de campo, provenientes da Estação Experimental do Sobreiro, criada e sediada em Alcobaça, os quais são actualmente espólio da Estação Florestal Nacional (em Oeiras), para cujas instalações aqueles objectos voltam após o encerramento desta exposição temporária.

Mundet (Seixal), contando com a imprescindível participação de antigos trabalhadores da fábrica, apresenta-se uma das suas especialidades de referência, cujo prestígio ainda se reflecte na indústria corticeira actual – o papel de cortiça da *Mundet* (1915-1988).

O papel de cortiça para filtros de cigarros justificou a instalação da oficina de produção da especialidade na fábrica corticeira *Mundet* (Seixal), em 1915. As vendas de papel de cortiça começaram nesse mesmo ano, sendo o primeiro destinatário a *L. Mundet & Son, Inc.* (de Nova Iorque). Posteriormente, os mercados alargaram-se a clientes de vários continentes e países, incluindo Portugal. Permanecendo na mesma zona da fábrica desde a sua origem até ao encerramento, a oficina do papel laborou até 1988, e com ela muitas centenas de trabalhadores, na sua maioria mulheres, geração após geração, diversificado-se a aplicação das folhas de cortiça com espessura de fracção milimétrica, mas sem que sofressem grandes modificações o processo de produção e a maquinaria utilizada.

Exposição de longa duração**Edifício das Caldeiras Babcock & Wilcox –****A produção de vapor para a fábrica****QUEM DIZ CORTIÇA DIZ MUNDET,
QUEM DIZ MUNDET DIZ CORTIÇA**

São conservados e apresentados os equipamentos ligados à produção da energia térmica, fundamental, quer para o cozimento da cortiça, quer para operações subsequentes da sua transformação, no espaço onde se produzia e a partir do qual era distribuído todo o vapor que alimentava as caldeiras e estufas da fábrica (e ainda equipamentos de apoio aos trabalhadores, como as estufas dos Refeitórios).

Exposição de longa duração**Edifício das Caldeiras de Cozer Cortiça****A CORTIÇA NA FÁBRICA:
A PREPARAÇÃO**

Fazendo parte da antiga secção de prancha da *Mundet*, o espaço e os equipamentos agora interpretados e museografados constituíam uma das oficinas equipadas e destinadas a cozer cortiça – outrora as *Caldeiras dos Moços*.

A partir do património industrial actualmente ali conservado, são dados a conhecer os principais procedimentos de preparação industrial da cortiça, enquanto matéria-prima.

NÚCLEO NAVAL DO EMS

**Exposição temporária de curta duração,
sobre património marítimo do estuário
do Tejo**

Oficina do Núcleo Naval

A partir de 2 de Outubro

VENTO BOTA FORA

Vento bota fora era uma expressão usada pelos marítimos do estuário do Tejo para designar o vento que facilitava a saída das embarcações à vela para fora da baía do Seixal. Apropriamo-nos da mesma para, no âmbito desta mostra fotográfica, patente na Oficina do Núcleo Naval entre Outubro de 2007 e Março de 2008, fazer referência à actividade das embarcações do Ecomuseu que, partindo do Cais do Seixal, navegam no estuário do Tejo.



Manobras da tripulação do bote-de-fragata *Baía do Seixal*. © EMS/CDI – Elisabete Curtinhal, 2007

Exposição de longa duração

BARCOS, MEMÓRIAS DO TEJO

Apresentando uma série de modelos construídos ao longo de vários anos pelo EMS – através dos seus artífices e da incorporação de participações de marítimos que trabalharam no Estuário – ilustram-se as principais tipologias de embarcações tradicionais, de cabotagem e de pesca.

Os recursos audiovisuais e multimédia dão a conhecer o património cultural do estuário do Tejo e procuram sensibilizar para a sua salvaguarda, convidando o visitante a percorrer outros lugares e a contactar directamente com eventos e testemunhos que fazem parte da cultura fluvial e marí-



Visitantes na exposição *Barcos, memórias do Tejo*
© EMS/CDI, António Silva, 2007

tima desta região, em particular das suas comunidades ribeirinhas.

EM CIRCULAÇÃO PELA EUROPA

Exposição itinerante

**MOINHOS DE MARÉ
DO OCIDENTE EUROPEU**

A exposição itinerante *Moinhos de Maré do Ocidente Europeu*, produzida pelo Ecomuseu Municipal do Seixal no âmbito de um projecto apoiado pelo Programa Cultura 2000 da Comissão Europeia, tem passagem agendada por Portugal, prevendo-se a sua apresentação, entre 2 de Outubro e 31 de Dezembro, no Núcleo Museológico do Mar, na Figueira da Foz.

Mais informações disponíveis sobre a exposição e o projecto que a enquadra no site www.moinhosdemare-europa.org.



CDI

Centro de Documentação e Informação



Para este trimestre divulgamos junto dos nossos utilizadores os recursos de informação integrados no CDI sobre Arqueologia e Património Arqueológico, com particular destaque para o concelho do Seixal, com o propósito de complementar a divulgação dos conteúdos de investigação da rubrica Carta do Património, neste trimestre reportada à Quinta de São Pedro.

Propomos a leitura e consulta da documentação disponível no CDI sobre esse sítio de interesse patrimonial e arqueológico, bem como outros sítios de relevante valor arqueológico no território municipal. Para além da **bibliografia apresentada na rubrica Carta do Património**, divulgamos nas **Edições em destaque**, uma selecção de artigos e outras publicações de interesse para a temática da Arqueologia em geral, nomeadamente actas de encontros realizados, eventos que privilegiam a partilha e divulgação de experiências e projectos de investigação.

Para os utilizadores da Internet, deixamos também a sugestão de consulta das **Edições On-line – Comunicações**, no sítio web do EMS, na página do CDI, onde poderão encontrar algumas comunicações, apresentadas em congressos e encontros, sobre sítios arqueológicos e património arqueológico de igual forma reportadas ao nosso Concelho.

Das colecções documentais do CDI, assumem particular destaque os relatórios das diversas campanhas arqueológicas realizadas pelo Serviço de Arqueologia do Ecomuseu Municipal do Seixal, em particular em dois sítios arqueológicos de tutela municipal. São eles o Núcleo do EMS da Olaria Romana da Quinta do Rouxinol e a Extensão do EMS na Necrópole Medieval-Moderna (dos séculos XIII a XVII) da Quinta de São Pedro.

Para o primeiro, o CDI disponibiliza para consulta os relatórios das campanhas realizadas entre 1986 e 1990, pelo Serviço de Arqueologia. Para a extensão na Quinta de São Pedro, estão também acessíveis os relatórios das campanhas realizadas entre 1994 e 2004. Destaca-se também o relatório do *Estudo antropológico dos restos humanos exumados na Quinta de São Pedro (Corroios-Seixal) na campanha de escavações de 1997*, realizado pela Universidade de Coimbra.

Disponibilizamos também relatórios de trabalhos arqueológicos realizados com menos regularidade em outros sítios de interesse arqueológico do Concelho. Por exemplo, do subsolo da Rua 1.º de Dezembro, n.º 2, localização da antiga Ermida de Nossa Sr.ª da Conceição do Seixal estão acessíveis para consulta os relatórios do estudo dos materiais arqueológicos – cerâmicas e artefactos metálicos –, recolhidos durante as escavações realizadas pela ERA-Arqueologia, empresa responsável pelos trabalhos arqueológicos naquele sítio e o relatório do *Material osteológico exumado no n.º 2 da Rua 1.º de Dezembro (Seixal): estudo laboratorial do material de inumações primárias*, da Universidade de Coimbra e da empresa Bianthropos.

EDIÇÕES EM DESTAQUE

– *A ermida de Nossa Senhora de Conceição: contributo da arqueologia para a história do urbanismo do Seixal*. **Ecomuseu Informação**. ISSN 0873-6197. N.º. [15] [Abr/Mai/Jun 2000], p. 8.

– ALVES, Helena - *Minas de Vale de Gatos, alto forno da Siderurgia Nacional, forno de cal da Azinheira: alguns sítios do património arqueológico e industrial do concelho do Seixal relacionados com a actividade extractiva*. In **Congresso Internacional sobre Património Geológico e Mineiro** - Congresso internacional sobre património geológico e mineiro. Lisboa: Museu do Instituto Geológico e Mineiro, 2002. pp. 337-344.

– AMARO, Clementino - *A presença romana na margem esquerda do estuário do rio Tejo*. In **Arqueologia no Vale do Tejo** - Arqueologia no vale do Tejo. [Lisboa]: Instituto Português do Património Cultural, Departamento de Arqueologia, 1987.

– *Arqueologia no concelho do Seixal*. **Almadan**. ISSN 0871-066X. S. 2, n.º 3 [Jul. 1994], pp. 123-124.

– BARROS, Luís; RAPOSO, Jorge Manuel C. - *Intervenção arqueológica na igreja paroquial de Corroios*. **Almadan**. ISSN 0873-6197. S. 1, n.º 3 [Mai. 1984], pp. 28-30.

– FERREIRA, Nathalie Antunes; FERREIRA, Maria Mulize - *As práticas de inumação na antiga Ermida de N. Sr.ª da Conceição (Seixal)*. **Era arqueologia**. ISSN 0874-9701. N.º 4 [Jul. 2001], pp. 59-73.

– FILIPE, Graça - *Olaria romana da Quinta do Rouxinol: um museu de sítio num parque histórico-natural*. In **JORNADAS SOBRE ROMANIZAÇÃO DOS ESTUÁRIOS DO TEJO E DO SADO**, 1, SEIXAL, 1991 - **Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado**. Lisboa: D. Quixote; Seixal: Câmara Municipal do Seixal, 1995. pp. 397-400.

– *Património arqueológico: uma olaria romana na Quinta do Rouxinol*. **Ecomuseu Informação**. ISSN 0873 6197. N.º. [13] [Out/Nov/Dez 1999], pp. 4-5.

– *Quinta de São João: contributo para o estudo de uma antiga propriedade agrícola*. **Ecomuseu Informação**. ISSN 0873-6197. N.º 28 [Jul/Ago/Set 2003], pp. 15-16.

– RAPOSO, Jorge Manuel C. - *Conhecer a população antiga do Seixal e de Arrentela, através da arqueologia e da antropologia*. **Ecomuseu Informação**. ISSN 0873-6197. N.º. 32 [Jul/Ago/Set 2004], pp. 8-9.

– RAPOSO, Jorge Manuel C. - *O forno de fundição da Quinta da Trindade*. **Ecomuseu Informação**. ISSN 0873-6197. N.º 29 [Out/Nov/Dez 2003], pp. 13-16.

– RAPOSO, Jorge Manuel C. - *Presença romana na Quinta de S. João (Arrentela, Seixal): breve síntese de novos dados*. **Almadan**. ISSN 0871-066X. S.2, n.º 12 [Dez 2003], pp. 184-185.

– RAPOSO, Jorge Manuel C.; DUARTE, Ana Luísa - *Duas taças de Terra Sigillata africana na Quinta do Rouxinol*. In **Almadan**. ISSN 0871-066X. S. 2, n.º 8 [Out 1999], pp. 75-86.

– RAPOSO, Jorge Manuel C.; DUARTE, Ana Luísa - *Olaria romana da Quinta do Rouxinol: investigação arqueológica e valorização patrimonial*. In **JORNADAS ARQUEOLÓGICAS E DO PATRIMÓNIO DA CORDA RIBEIRINHA SUL**, 1, Barreiro, 1999 - **Jornadas arqueológicas e do património da corda ribeirinha sul: actas**. Barreiro: Câmara Municipal do Barreiro, 2000. pp. 126-140.

– RAPOSO, Jorge Manuel C.; SABROSA, Armando José Gonçalves ; DUARTE, Ana Luísa - *Ânforas do vale do Tejo: as olarias da Quinta do Rouxinol (Seixal) e do Porto dos Cacos (Alcochete)*. **Trabalhos de antropologia e etnologia**. ISSN 0304-243. A. 77 [Mar 1995], vol. 35, pp. 331-352.

– SABROSA, Armando José Gonçalves - *O complexo mineiro de Vale de Gatos (Corroios, Seixal)*. **Almadan**. ISSN 0871-066X. S. 2, n.º. 14 [Dez 2006], pp. 53-59.

EDIÇÕES EM DESTAQUE
NA TEMÁTICA ARQUEOLÓGICA

– **A necrópole medieval-moderna da Quinta de S. Pedro : (Corroios - Seixal)**. Seixal: Câmara Municipal do Seixal, Ecomuseu Municipal, 2001. Separata da revista **Almadan**, n. 4 (1995: 26-40) e n. 7 (1998: 37-44).

Reúne informação decorrente de um projecto de investigação pluridisciplinar em torno do sítio arqueológico, a necrópole medieval-moderna da Quinta de São Pedro, publicada anteriormente, à qual se acrescentou uma nota final de actualização sobre o estado das investigações e as referências bibliográficas.

CDI Centro de Documentação

– JORNADAS SOBRE ROMANIZAÇÃO DOS ESTUÁRIOS DO TEJO E DO SADO, 1, SEIXAL, 1991

– **Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado.** Lisboa: D. Quixote; Seixal: Câmara Municipal do Seixal, 1995. ISBN 972-20-1260-6.

Actas das Jornadas realizadas no Seixal, surgidas na sequência do projecto de investigação *Ocupação Romana na Margem Esquerda do Estuário do Tejo* e durante as quais foi dado um especial destaque à produção anfórica (olarias, fabricos, tipologias, caracterização química) e à presença romana no território português com particular destaque para as zonas dos estuários do Tejo e do Sado. A publicação integra os textos das comunicações apresentadas, os debates e as conclusões das Jornadas.



– CONGRESO INTERNACIONAL SOBRE MUSEALIZACIÓN DE YACIMIENTOS ARQUEOLÓGICOS, 3, Zaragoza, 2004 - **III Congreso internacional sobre musealización de yacimientos arqueológicos: actas: de la excavación al público: procesos de decisión y creación de nuevos recursos.** Zaragoza: Ayuntamiento de Zaragoza, Área de Cultura y Turismo, Servicio de Cultura; Institución "Fernando EL Católico", D.L. 2005. ISBN 84-8069-392-4.

Actas do Congresso realizado em Zaragoza, sobre sítios arqueológicos. As apresentações das comunicações foram organizadas em 4 grandes temas: *Excavar, expor, conservar, Da conservação à apresentação, Explicar ou contar e Sítios musealizados: sustentabilidade e qualidade.* A publicação integra os textos destas comunicações e daquelas apresentadas na sessão de projectos e experiências do Congresso.



– JORNADAS DE ESTUDO, Arouca, 2004 - **Cartas arqueológicas: do inventário à salvaguarda e valorização do património.** Arouca: Câmara Municipal de Arouca, 2005. ISBN 972-97574-4-5.

Actas das Jornadas realizadas em Arouca que enquadraram a apresentação da publicação *Memórias da terra – património arqueológico do concelho de Arouca.* As apresentações das comunicações foram organizadas em 3 painéis: *Salvaguarda do património arqueológico, Valorização do património arqueológico* em que foram apresentadas diversas experiências nacionais e *A carta arqueológica de Arouca*, dedicada à apresentação da publicação e ao concelho de Arouca.

– ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA URBANA, 4, Amadora, 2000 - **Quarto encontro de arqueologia urbana: actas.** Amadora: Câmara Municipal da Amadora, Museu Municipal de Arqueologia, 2003. ISBN 972-8284-30-6.

Actas do Encontro realizado na Amadora. Espaço de troca de experiências e debate de ideias ao nível das intervenções arqueológicas em zonas urbanas, este Encontro incluiu a apresentação de diversos trabalhos arqueológicos e respectivos resultados, realizados em território nacional.

– SEMINÁRIO INTERNACIONAL HOMENAGEM A JUAN ZOZAYA STABEL-HANSEN, Mértola, 2005 - **Al-Ándalus: espaço de mudança: balanço de 25 anos de história e arqueologia medievais.** Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 2006. ISBN 972-9375-26-7.

Actas do Seminário realizado em Mértola. A publicação é constituída pelos textos das comunicações apresentadas em 4 painéis: *Al-Ándalus: espaço e sociedade, Cidades e território, As técnicas do tempo e, ...versus al-Ándalus. Espaços de fronteira.*

CONHECER



A máquina a vapor *Joseph Farcot* existente na antiga fábrica de pólvora de Vale de Milhaços, actualmente uma das extensões do Ecomuseu Municipal do Seixal, integra o espólio do circuito da pólvora negra que aí permanece, destinado a ser conservado e interpretado *in situ*, no âmbito de um projecto de musealização.

Máquina a vapor e maquinista Francisco Moura, na antiga fábrica de pólvora de Vale de Milhaços, actual Extensão do EMS - © EMS/CDI, Rosa Reis, 2007.

Uma máquina a vapor centenária, em Vale de Milhaços

Um importante conjunto de oficinas distantes entre si cerca de 50 metros, alinhadas e interdependentes a nível da sequência do processo de fabrico, constituíam o circuito da pólvora negra, accionado pela energia mecânica produzida numa central e transmitida por um sistema que percorre todo o circuito. Ocupando uma posição central na fábrica, esse núcleo energético é composto por construções contíguas, mas autónomas: a casa da bomba, equipada com uma bomba a vapor da *Empresa Industrial Portuguesa*, destinada ao abastecimento de água à caldeira; a casa das caldeiras, provida com duas caldeiras geradoras do vapor destinado à máquina a vapor *Joseph Farcot*; e adjacente, a norte, a casa da máquina, onde se instala aquela máquina, geradora da energia mecânica.

A máquina a vapor de Vale de Milhaços foi construída pela empresa *Farcot & Fils* de Saint-Ouen (Paris), (fundada em 1823 por Marie Joseph Denis Farcot), uma das mais conceituadas fabricantes, em França, de máquinas a vapor horizontais, na segunda metade do séc. XIX. O prestígio de que a marca gozava no mundo industrial advinha, em parte, do facto de os seus construtores serem também inventores de mecanismos que melhoraram o seu funcionamento.

Marie Joseph Denis Farcot (1798-1875) iniciou a sua vida profissional como operário mecânico. Quando

se tornou industrial, inventou o primeiro sistema de distribuição de vapor de expansão variável (1836). Por sua vez, o seu filho Jean Joseph Léon Farcot (1824-1907) era engenheiro e realizou numerosas invenções, traduzidas em mais de 190 patentes (1854-1898), permitindo com elas aperfeiçoar o funcionamento de muita maquinaria produzida na época, nomeadamente das máquinas a vapor.

A instalação da máquina a vapor fixa, horizontal, da marca *Joseph Farcot*, na antiga fábrica de pólvora de Vale de Milhaços insere-se também na afirmação desta tipologia de máquinas sobre as máquinas a vapor fixas verticais. A tendência para a substituição de umas pelas outras começara a ganhar expressão na Exposição Universal de Paris (1855), afirmou-se cinco anos mais tarde na Exposição Universal de Londres, acabando por se tornar prevacente. Entre os factores que contribuíram para tal, inscreve-se a maior facilidade na sua acomodação às instalações industriais, assim como o elevado grau de estabilidade que oferecia a sua montagem, permitindo que as máquinas trabalhassem a grande velocidade sem comprometerem a sua solidez, enquanto se comprovavam infundados os receios iniciais de deterioração do cilindro pelo atrito desigual do êmbolo.

A máquina a vapor *Joseph Farcot* de Vale de Milhaços foi encomendada em 1900 pela *C.ª Africana*

CONHECER

de *Pólvora*, a fim de substituir outra máquina que aí teria sido instalada (no 1.º piso da actual casa da bomba) por Libânio Augusto de Oliveira, o primeiro empresário a receber alvará (1894) para o fabrico de pólvora naquele local.

De acordo com as características inscritas pela Direcção-Geral de Combustíveis nas chapas de registo, é uma máquina fixa, de tipo horizontal, monocilíndrica, de 125 cv de potência efectiva, rodando o seu eixo a uma velocidade de 75 rotações por minuto.

A casa da máquina, onde esta foi instalada, é um edifício de dois pisos, com cerca de 70 m², iluminado por três grandes janelões de vão em arco pleno. No alçado Norte, o janelão central foi adaptado a porta de acesso ao exterior, com a construção de uma escada de degraus em betão e corrimão de ferro.

No 1.º piso estão montados os principais elementos componentes da máquina a vapor. O cilindro, oco, com dois orifícios, contém no seu interior o êmbolo ou pistão, que por pressão da força elástica do vapor é obrigado a deslocar-se rectilaneamente, expulsando ao mesmo tempo o vapor ainda aí existente, através das válvulas. Desse modo cria-se o vácuo necessário ao movimento inverso do êmbolo; e a entrada de novo vapor à pressão, a reprodução do primeiro movimento e assim sucessivamente.

À semelhança de outros cilindros documentados, em máquinas a vapor da empresa *Farcot & Fils*, o que estamos a descrever estará revestido por uma substância isolante (lã ou feltro), seguindo-se-lhe um invólucro de madeira polida, para o proteger do resfriamento, para que a sua temperatura se mantenha bastante elevada e para que o vapor perca pouca tensão, quando aí entra.

Uma das válvulas de admissão de vapor na máquina *Joseph Farcot*. © EMS/CDI, Rosa Reis, 2007



Numa das faces externas do cilindro existem duas válvulas de admissão de vapor, manobráveis à mão na fase de arranque. Ultrapassada esta fase de arranque, o seu funcionamento era assegurado au-

tomaticamente, pois as válvulas beneficiavam do movimento do eixo motor, que lhes é transmitido por um tirante, sendo a articulação entre os dois estabelecida pelo excêntrico, garantindo a admissão e a evacuação do vapor durante o período em que o cilindro se mantinha em actividade.

Regulador da máquina a vapor
© EMS/CDI, Rosa Reis, 2007.



O regulador de pêndulo cónico de braços e bielas cruzadas, aperfeiçoado e melhorado (1856) pelo próprio Joseph Farcot (e por isso designado regulador de braços cruzados de Farcot) permitia que a quantidade de vapor introduzida no cilindro fosse, tanto quanto possível, a estritamente necessária para que a máquina mantivesse uma velocidade constante, quaisquer que fossem as variações de esforço a que fosse sujeita. Esta característica advinha do modo particular da sua suspensão e da maneira como o peso estava distribuído, que permitia *regular na perfeição* a introdução do vapor em cada manobra do êmbolo.

A importância deste tipo de regulador foi reconhecida na época. A pedido da Comissão das Artes Mecânicas na *Société d'Encouragement pour l'Industrie Nationale* (França), esse tipo de regulador, como o da máquina de Vale de Milhaços, foi objecto de um relatório especial de M. Tresca, que o "*aprova e recomenda como um aparelho seguro e indispensável para todas as máquinas de vapor, que tenham de ser aplicadas a serviços em que pela sua natureza o trabalho haja de sofrer muitas variações: tais como as fábricas de algodão, de moagem, laminadores (...)*" [BENEVIDES, 1867, p. 176].

O êmbolo dispõe de uma haste, ligada por sua vez a um tirante articulado com a biela-manivela, resultando da sua acção a transformação do movimento

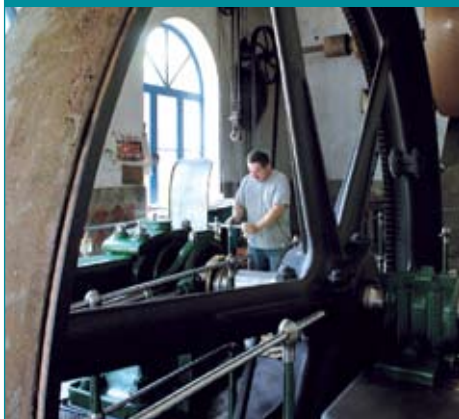
Uma máquina a vapor centenária, em Vale de Milhaços

rectilíneo alternado, em movimento circular contínuo, transmitido ao volante por intermédio do eixo motor.

Volante e veio de transmissão de energia (para o sistema geral transmissor de energia mecânica ao circuito)
© EMS/CDI, Rosa Reis, 2007



Volante da máquina a vapor
© EMS/CDI, Rosa Reis, 2007



O volante, com 4,6 m de diâmetro e seis raios (estando num deles gravados a sigla e o local *CAP, Lisbonne*), é constituído por duas metades unidas entre si por grossos e compridos parafusos. No 1.º piso (le entre este e o piso térreo) o pavimento tem um rasgo aberto ou vão de passagem de 6,4m x 0,65m, onde o volante executava o seu movimento de rotação. Este volante desempenhava a função de acumulador de energia proveniente do sistema biela-manivela e ao mesmo tempo de seu multiplicador para o volante das transmissões (cujo diâmetro era duas vezes e meia inferior ao seu) através de uma larga correia em tela de lona, que os envolvia externamente e os accionava em simultâneo.

O volante de transmissão, rodando sobre si próprio através do veio que o atravessa centralmente, encontrava-se no centro do sistema de fornecimento da energia mecânica às oficinas e respectiva maquinaria, fundado num processo de transferência entre equipamentos diversos: veios, volantes de transmissão e cabos teledinâmicos, ligando as oficinas distando entre si cerca de 50m; veios, tambores e correias no interior das oficinas ou nas “casas de transmissão”.

No rés-do-chão encontram-se os restantes órgãos essenciais ao funcionamento da máquina a vapor e as tubagens de água e de vapor.

Logo abaixo do pavimento (e funcionando em correlação com o cilindro), encontra-se o condensador, um órgão que recebia o vapor sobrando do processo de transformação do vapor em força mecânica e o condensava por arrefecimento em água retirada do tanque de refrigeração com uma bomba associada, mediante uma biela, à haste do pistão. O condensador comunicava também com o tubo metálico por onde circulava o vapor condensado, o qual, aspirado por uma ventoinha de sucção, era encaminhado para o tanque de refrigeração, situado no exterior.

A referida biela associada à haste do pistão accionava igualmente uma bomba responsável pelo fornecimento de água à caldeira (em caso da máquina estar em funcionamento), impulsionando a água que circulava na respectiva tubagem de abastecimento. Era ainda neste 1.º piso que ocorria a ligação do tubo de vapor (vindo da casa das caldeiras) ao cilindro.

Após um século de laboração e alguns anos de paralisação (depois do encerramento da fábrica em 2001), a máquina a vapor *Joseph Farcot* permanece bem conservada e capaz de funcionar. Para este facto terão concorrido os cuidados de manutenção dispensados pelos maquinistas que com ela operaram, nomeadamente António José Pereira (por mais de quarenta anos) e Francisco Moura (de 1989 a 2001), agora também responsável pelo trabalho de recuperação a que a mesma foi recentemente sujeita.

Fátima Sabino

Bibliografia:

BENEVIDES, Francisco da Costa [1867] – *Relatório sobre a Exposição Universal de Paris de 1867. Instrumentos de Física e machinas de vapor*. Lisboa: Imprensa Nacional.

CUSTÓDIO, Jorge [1998] – *A Máquina a vapor de Soure*. Edição Fundação Belmiro de Azevedo.

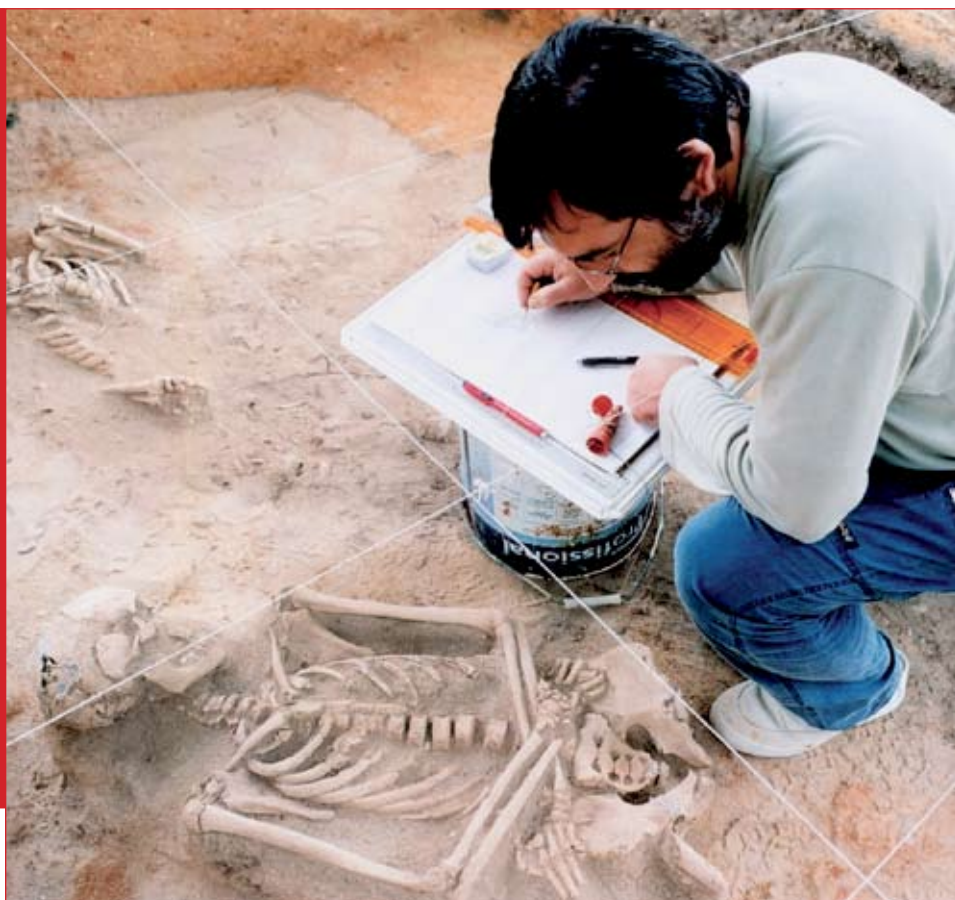
HORTA, José Maria da Ponte e [1857] – *Relatório sobre a Exposição Universal de Paris de 1855. Machinas de vapor*. Vol.3. Lisboa: Imprensa Nacional.

— [1864] – *Relatório sobre a Exposição Universal de Londres de 1862. Machinas de vapor e Motores Hydraulicos*. Vol.2. Lisboa: Imprensa Nacional.

REMAUD, Patrice [2004] – *Une histoire de la genèse de l'automatique en France 1850-1950*. NAMP [tese de doutoramento] <http://laih.univ-poitiers.fr/THESES/remaud/Partie2.pdf>, consultada em 13 de Agosto 2007.

CARTA DO PATRIMÓNIO DO CONCELHO DO SEIXAL

Fase de registo de um dos enterramentos, em desenho à escala 1/10 – © EMS/CDI – César Santos, 2002



A Quinta de S. Pedro e os trabalhos arqueológicos realizados pelo Serviço de Arqueologia do Ecomuseu na necrópole associada à sua antiga ermida foram já abordados em números deste boletim publicados em 2000 e 2001 (ver bibliografia, na ficha de inventário do sítio). A continuação da investigação arqueológica de campo até ao início de 2006 e a recente conclusão do estudo antropológico justificam, contudo, que se actualize a informação sobre uma das mais completas, numerosas e cronologicamente representativas populações arqueológicas portuguesas, exumada no contexto de importante projecto de investigação desenvolvido no concelho do Seixal, que envolve os serviços municipais afectos ao Ecomuseu e o recurso à colaboração do Centro de Arqueologia de Almada (CAA), do Agrupamento 585 (Corroios) do Corpo Nacional de Escutas (CNE), do Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra (DAUC) e do Instituto Tecnológico e Nuclear (ITN).

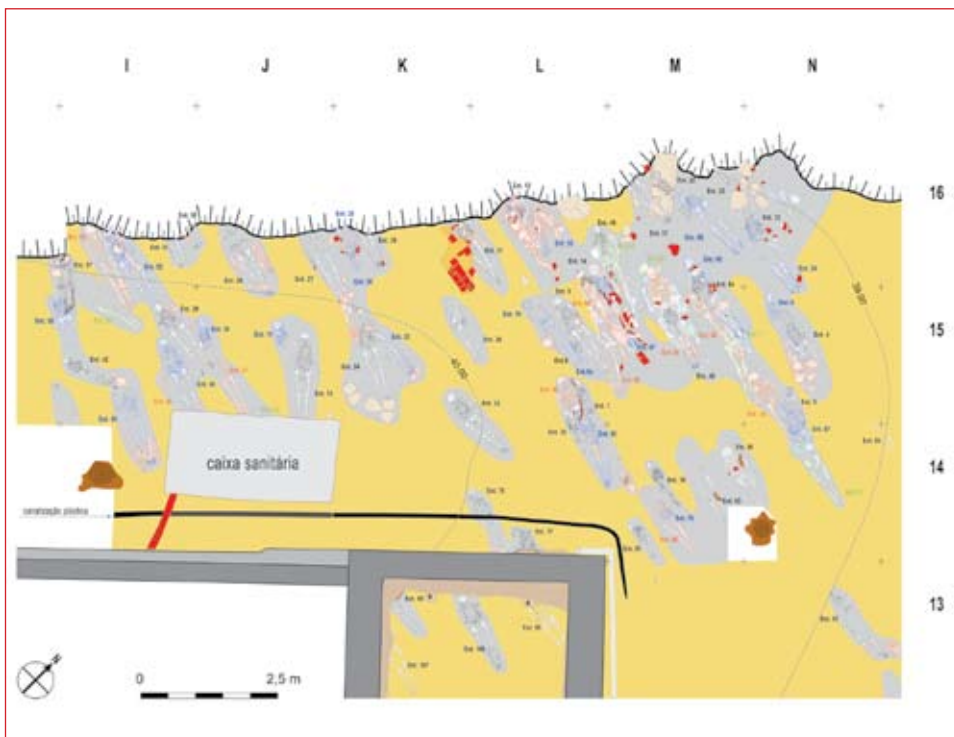
A necrópole medieval-moderna da Quinta de S. Pedro

O valor patrimonial excepcional atribuído ao sítio justificou igualmente a sua inclusão na Carta do Património do Seixal, com várias medidas de salvaguarda associadas, as quais passam agora principalmente pela divulgação de resultados junto da comunidade científica e da população em geral e pela valorização do espaço, no contexto do programa de requalificação dos núcleos e extensões do Ecomuseu a curto e médio prazo.

Para além do evidente interesse científico (que ultrapassa claramente o estrito âmbito local) e patrimonial do sítio, o processo com ele relacionado é exemplar a vários níveis.

Em primeiro lugar, ilustra bem como é fundamental garantir a incorporação de mecanismos de avaliação arqueológica nos processos de minimização de impactos e de licenciamento de obras públicas e privadas, hoje consagrados na Lei de Bases do Património Cultural (*"Constituem particulares deveres da Administração Pública competente no domínio do licenciamento e autorização de operações urbanísticas: [...] Certificar-se de que os trabalhos por si autorizados, que envolvam transformação de solos, revolvimento ou remoção de terreno no solo, subsolo ou nos meios subaquáticos, bem como a demolição ou modificação de construções, estão em conformidade com a legislação sobre*

A necrópole medieval-moderna da Quinta de S. Pedro



Planta parcial da necrópole, na área de maior densidade de enterramentos, junto ao talude provocado pelas terraplanagens de 1994. Desenho de Jorge Raposo e Cézer Santos – EMS.

a salvaguarda do património arqueológico”, Lei n.º 107/2001, de 8 de Setembro, art. 76.º, ponto 3). O respeito por este princípio, já implícito na legislação que vigorava à data de identificação do sítio, em 1994 (Lei n.º 13/85, de 6 de Julho), teria permitido uma intervenção de Arqueologia preventiva mais eficaz. Evitaria também a irreparável perda de informação, agravada pela terraplanagem ilegal então efectuada pelo promotor da obra, que destruiu parte da necrópole impossível de quantificar (mas certamente importante, pelo que é possível supor a partir da distribuição espacial dos enterramentos).

Felizmente, a gravidade da situação foi minorada porque houve quem soubesse cumprir os seus direitos e deveres de cidadania, alertando para o que se estava a passar. De facto, apesar da mesma Lei n.º 107/2001 determinar que “quem encontrar, em terreno público ou particular, ou em meio submerso, quaisquer testemunhos arqueológicos fica obrigado a dar conhecimento do achado no prazo de 48 horas à administração do património cultural competente ou à autoridade policial” (art. 78.º, ponto 1), não é isso que sucede na maioria dos casos. Na Quinta de S. Pedro pudemos contar com meritória atitude de um dos dirigentes do Agrupamento do CNE sediado na Quinta, José Pontes, que comunicou ao Ecomuseu a presença de ossadas nas terras revolvidas pelas máquinas e contribuiu decisivamente para que se desencadeasse toda a investigação posterior. Sem isso, hoje continuaríamos a saber muito



Fase de escavação do enterramento 97.
©EMS/CDI – Cézer Santos, 2004

pouco sobre as características físicas, os hábitos sociais, as condições de vida e as actividades da população da zona em época medieval e moderna. É um bom exemplo de como a participação dos cidadãos é indissociável da protecção, estudo e divulgação do Património e da História do território que habitamos, e indispensável ao reforço e enriquecimento das memórias sociais e das identidades individuais e de grupo.

CARTA DO PATRIMÓNIO DO CONCELHO DO SEIXAL

A necrópole medieval-moderna da Quinta de S. Pedro



Portmensor de algumas das valas de enterramento. ©EMS/CDI, Jorge Raposo, 2001

Os resultados obtidos mostram também as potencialidades da cooperação institucional entre os serviços municipais e outras instituições locais, como o CAA ou o referido Agrupamento do CNE, ou de âmbito de intervenção altamente especializado, como é o caso do ITN ou, de modo ainda mais evidente, do DAUC, numa interdisciplinaridade entre a Arqueologia, a Antropologia e as Arqueociências essencial para a correcta interpretação dos contextos funerários em presença.

Por fim, o processo da Quinta de S. Pedro exemplifica também as vantagens do recurso criterioso e sustentado ao financiamento disponibilizado pelos programas de apoio a museus integrados na Rede Portuguesa de Museus, como é o caso do Ecomuseu Municipal do Seixal. Sem este, teria sido mais difícil ultrapassar as conhecidas limitações orçamentais da administração pública local.

Jorge Raposo

INVENTÁRIO DE PATRIMÓNIO CULTURAL IMÓVEL

REFERÊNCIA DE SÍTI: CPS.00051

DESIGNAÇÃO: Necrópole da Quinta de S. Pedro

Localização administrativa: Corroios (Quinta de S. Pedro)

Localização geográfica:

Folha CMP N.º 442;
Carta DGSU/CMS N.º 442.1/5.5.

Coordenadas: X = -88707; Y = -114335 (ponto central da área conservada da necrópole).

Categoria de Sítio: Arqueológico

Tipo de Sítio: Necrópole

Cronologia: Idade Média (medieval cristão) / Idade Moderna; séculos XIII-XVIII

Medidas de protecção:

1994 – vedação provisória da área da necrópole

1996 – delimitação de um perímetro de protecção com rede termolacada, garantindo o acesso controlado ao Sítio.

Descrição sumária: necrópole associada à Ermida de S. Pedro, onde foram identificados 117 enterramentos, realizados entre a segunda metade do século XIII e o final do século XVIII. Os corpos foram depositados em decúbito dorsal, em simples valas abertas no solo arenoso, com excepção do enterramento 85, onde há vestígios do uso de um caixão em madeira. As valas respeitam a tradicional orientação cristã (NO-SE) e várias sobrepõem-se ou foram reutilizadas, apresentando no momento do achado mais de um indivíduo e, ainda, as ossadas dispersas dos que os precederam (no mínimo uma centena de indivíduos, no total da necrópole).

O estudo antropológico efectuado em 109 dos enterramentos identificados revelou a presença de 77 adultos e 32 não-adultos. Nos adultos, 44 são do sexo masculino e 25 do feminino (não foi possível realizar a diagnose sexual de oito enterramentos). A data à idade da morte, determinada para 52 indivíduos, mostra que predominam os escalões dos 20-30 anos e dos 40-50 anos (18 casos cada um), embora haja situações de longevidade para lá dos 60 anos (duas). Quanto à estatura média, determinável em 34 homens e em 18 mulheres, é de 1,63 metros e de 1,54 metros, respectivamente. Em geral, trata-se de pessoas com índice de robustez elevado ou muito elevado, revelador de actividade física intensa e regular. Nos 32 indivíduos não-adultos, a morte ocorreu predominantemente nos primeiros seis anos de idade (17 casos). No conjunto da população, para além de problemas de crescimento, são evidentes diversas patologias orais, degenerativas, traumáticas e infeccio-

CARTA DO PATRIMÓNIO DO CONCELHO DO SEIXAL

A necrópole medieval-moderna da Quinta de S. Pedro

sas. A dieta alimentar era rica em hidratos de carbono, tal como seria de esperar em populações que viveriam essencialmente do trabalho da terra.

Do restante espólio destaca-se um conjunto de 152 moedas, em parte associadas directamente aos enterramentos, na sua maioria dos reinados de D. Afonso III (1248-1279) a D. Afonso V (1438-1481), embora com casos de cunhagens que poderão recuar até D. Afonso II (1221-1223), e que se prolongam até D. Sebastião (1557-1578). Duas dessas moedas, já datáveis dos sécs. XIX-XX, surgem nas camadas superficiais, onde há a registar também a recolha de cerâmica comum e vidrada, faianças dos sécs. XVII-XVIII e alguma porcelana, a par de vidros e objectos metálicos (principalmente pregos).

Por explicar cabalmente estão ainda os vestígios da presença romana (duas moedas da primeira metade do séc. IV e alguns fragmentos de ânforas) detectados em contextos estratigráficos de revolvimento, reveladores de que não será despcienda a proximidade da olaria da Quinta do Rouxinol, nem as características geomorfológicas ou as potencialidades agrícolas do terreno.

Síntese de intervenções:

1994 – identificação da necrópole na sequência de tertraplanagens não licenciadas e realização da primeira intervenção arqueológica de emergência, da responsabilidade da equipa técnica do Ecomuseu Municipal do Seixal, com o apoio do Centro de Arqueologia de Almada e de jovens do Agrupamento 585 (Corroios) do Corpo Nacional de Escutas.

Início do estudo paleobiológico dos indivíduos inumados, numa parceria do EMS com o Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra que ainda se mantém.

1996 – segunda campanha de escavações arqueológicas, promovida e apoiada pelas mesmas instituições.

1997 – terceira campanha de escavações arqueológicas, promovida e apoiada pelas mesmas instituições.

1998 – segunda fase do estudo paleobiológico, na Universidade de Coimbra.

2000 – datação directa, pelo método do Carbono 14, de um conjunto de seis amostras osteológicas (Instituto Rocasolano, Madrid), com os seguintes resultados:

- CSIC-1576 (enterramento ó): 460 BP ± 36, correspondente ao intervalo 1407-1486 cal AD, em anos de calendário, com 0,999 de densidade de probabilidade associada, num grau de confiança de 95 % (a 2 σ);
- CSIC-1577 (ent. 16): 372 BP ± 31 ⇒ 1446-1527 cal AD (prob. 0,584) ou 1553-1633 cal AD (prob. 0,416), a 2 σ ;
- CSIC-1578 (ent. 19): 432 BP ± 33 ⇒ 1419-1512 cal AD (prob. 0,955), a 2 σ ;
- CSIC-1579 (ent. 21): 683 BP ± 30 ⇒ 1269-1315 cal AD (prob. 0,655) ou 1355-1389 cal AD (prob. 0,345), a 2 σ ;
- CSIC-1580 (ent. 39): 368 BP ± 34 ⇒ 1447-1529 cal AD (prob. 0,540) ou 1543-1634 cal AD (prob. 0,460), a 2 σ ;
- CSIC-1581 (ent. 53): 648 BP ± 34 ⇒ 1280-1329 cal AD (prob. 0,455) ou 1340-1396 cal AD (prob. 0,545), a 2 σ .

2001 – quarta campanha de escavações arqueológicas, promovida e apoiada pelas mesmas instituições, e acção de recolha oral junto de José Martinho, caseiro da Quinta entre 1950 e 1955.

2002 – quinta campanha de escavações arqueológicas, promovida e apoiada pelas mesmas instituições.

2004 – sexta campanha de escavações arqueológicas, promovida e apoiada pelas mesmas instituições, terceira fase do estudo paleobiológico, na Universidade de Coimbra, e acção de tratamento e conservação da colecção numismática recolhida nas campanhas de escavação de 1994 a 2002 (138 moedas).

2005-2006 – sétima campanha de escavações arqueológicas, promovida e apoiada pelas mesmas instituições, revisão geral do estudo e classificação da colecção de numismática e segunda acção de datação directa de amostras recolhidas no Sítio (uma de madeira e cinco de ossos), realizada no Instituto Tecnológico e Nuclear (Sacavém) com os seguintes resultados:

- Sac-2075 (madeira do caixão do enterramento 85): 260 BP ± 70, correspondente aos intervalos 1453-1696 cal AD ou 1726-1814 cal AD, em anos de calendário, com 0,704 e 0,207 de densidade de probabilidade associada, respectivamente, num grau de confiança de 95 % (a 2 σ);
- Sac-2117 (ent. 44): 170 BP ± 45, correspondente aos intervalos 1659-1709 cal AD (prob. 0,196), 1718-1828 cal AD (prob. 0,470), 1831-1890 cal AD (prob. 0,155) ou 1910-1953 cal AD (prob. 0,179), a 2 σ ;
- Sac-2118 (ent. 64): 380 BP ± 40 ⇒ 1442-1529 cal AD (prob. 0,581) ou 1543-1634 cal AD (prob. 0,419), a 2 σ ;
- Sac-2119 (ent. 71): 260 BP ± 40 ⇒ 1491-1602 cal AD (prob. 0,388), 1613-1681 cal AD (prob. 0,432) ou 1763-1802 cal AD (prob. 0,146), a 2 σ ;
- Sac-2120 (ent. 73): 300 BP ± 45 ⇒ 1468-1664 cal AD (prob. 0,993), a 2 σ ;
- Sac-2121 (ent. 84): 420 BP ± 40 ⇒ 1420-1523 cal AD (prob. 0,823) ou 1572-1629 cal AD (prob. 0,176), a 2 σ .

2007 – quarta fase do estudo paleobiológico, na Universidade de Coimbra.

Tipo de uso: área de uso agrícola até finais da década de 1980, entrou em processo de urbanização em meados da década seguinte. Uma parcela envolvente da antiga zona habitacional, incluindo também a ermida (há muito desafecta ao culto e adaptada a outras funções), armazéns, abegoeira, etc., reverteu para o domínio público municipal e foi parcialmente cedida ao Agrupamento 585 (Corroios) do Corpo Nacional de Escutas, que aqui mantém a sua sede. A presença da ermida justificou a utilização do espaço como necrópole entre a segunda metade do século XIII e o final do século XVIII.

O Sítio integra a estrutura territorialmente descentralizada do Ecomuseu Municipal do Seixal, funcionando como uma das suas extensões.

Bibliografia principal:

- CUNHA, Eugénia (1995) – “Contribuição da Paleobiologia para o Conhecimento dos Habitantes da Zona de Corroios (Seixal) nos Séculos XV e XVI”. *Al-Madan*. Almada. IIª Série. 4: 34-40.
- ERMIDA da Quinta de S. Pedro (Corroios): contributo para a História regional e local (2002) – *Ecomuseu Informação*. Seixal. 24: 6-8.
- LOPES, Célia e CUNHA, Eugénia (1998) – “Necrópole da Quinta de S. Pedro: análise antropológica de uma série do século XV”. *Al-Madan*. Almada. IIª Série. 7: 37-44.
- NECRÓPOLE Medieval-Moderna da Quinta de S. Pedro (sécs. XIII-XVIII) (2001) – *Ecomuseu Informação*. Seixal. 20: 4-6.
- RAPOSO, Jorge (2001) – “Novas Escavações na Quinta de S. Pedro (Seixal)”. *Al-Madan*. Almada. IIª Série. 10: 8.
- RAPOSO, Jorge (2001) – “Arqueologia Romana e Medieval: as olarias romanas da margem esquerda do estuário do Tejo e a necrópole medieval/moderna da Quinta de S. Pedro (Seixal)”. In *Arqueologia e História Regional da Península de Setúbal*. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 49-77 (Discursos. Língua, Cultura e Sociedade: número especial).
- RAPOSO, Jorge e DUARTE, Ana Luísa (1995) – “Intervenção Arqueológica na Qtª. de S. Pedro (Corroios)”. *Al-Madan*. Almada. IIª Série. 4: 26-33.
- RAPOSO, Jorge M. C. e DUARTE, Ana Luísa (1998) – “Quinta de S. Pedro: breves notas sobre a segunda campanha de trabalhos arqueológicos”. *Al-Madan*. Almada. IIª Série. 7: 38.

Inventariante: Jorge Raposo

Data da inventariação: Novembro de 2003

Data de actualização: Junho de 2007



ECOMUSEU MUNICIPAL DO SEIXAL
CÂMARA MUNICIPAL

museu da rede portuguesa de museus

NÚCLEOS E SERVIÇOS



NÚCLEO DA MUNDET

Largo 1.º de Maio, 1
2840-485 Seixal

SERVIÇOS CENTRAIS – Edifício dos Escritórios

Telefone: 210976112 – Fax: 210976113

E-mail: ecomuseu@cm-seixal.pt

Horário de atendimento geral:

De 2.ª a 6.ª feira, das 9h às 12.30h e das 14h às 17.30h

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO

Horário de consulta de Inverno (Outubro - Maio):

3.ª, 4.ª e 5.ª feiras, das 10h às 17h

Horário de consulta de Verão (Junho - Setembro):

3.ª, 4.ª e 5.ª feiras, das 10h às 12.30h e das 14h às 17h

e-mail: ecomuseu.cdi@cm-seixal.pt

SERVIÇO EDUCATIVO

Horários de atendimento telefónico:

2.ª feiras, das 9h às 12.30h e das 14h às 17h

e-mail: ecomuseu.se@cm-seixal.pt

– EXPOSIÇÕES – Edifícios das Caldeiras *Babcock & Wilcox* e das Caldeiras de Cozer

Horários de Inverno (Outubro - Maio):

De 3.ª a 6.ª feira, das 9h às 12h e das 14h às 17h

Sábados e domingos, das 14h às 17h

Horários de Verão (Junho - Setembro):

De 3.ª a 6.ª feira, das 9h às 12h e das 14h às 17h

Sábados e domingos, das 14.30h às 18.30h

Encerramento:

2.ª feiras e feriados nacionais



NÚCLEO NAVAL

Av. da República - Arrentela

– EXPOSIÇÕES

– OFICINA DE CONSTRUÇÃO ARTESANAL

DE MODELOS DE BARCOS DO TEJO

Horários de Inverno (Outubro - Maio):

De 3.ª a 6.ª feira, das 9h às 12h e das 14h às 17h

Sábados e domingos, das 14h às 17h

Horários de Verão (Junho - Setembro):

De 3.ª a 6.ª feira, das 9h às 12h e das 14h às 17h

Sábados e domingos, das 14.30h às 18.30h

Encerramento:

2.ª feiras e feriados nacionais



EMBARCAÇÕES TRADICIONAIS DO TEJO

Cais principal de apoio: Seixal

VARINO AMOROSO E BOTE-DE-FRAGATA *BAÍA DO SEIXAL*

Realização de passeios no Tejo, entre Abril e Outubro

Informações sobre programação de actividades:

Serviço Educativo

BOTE-DE-FRAGATA *GAIVOTAS* em estaleiro



NÚCLEO DA QUINTA DA TRINDADE

Azinheira, Seixal

Imóvel Classificado de Interesse Público

Acesso condicionado



NÚCLEO DA OLARIA ROMANA DA QUINTA DO ROUXINOL

Quinta do Rouxinol, Corroios

Sítio Classificado Monumento Nacional

FORNOS DE CERÂMICA ROMANOS (SÉCS. II-IV)

Acesso condicionado



NÚCLEO DO MOINHO DE MARÉ DE CORROIOS

Devido a obras de conservação e de requalificação do imóvel e da envolvente, este núcleo encontra-se encerrado ao público



EXTENSÃO DO ECOMUSEU NA FÁBRICA DE PÓLVORA DE VALE DE MILHAÇOS

Vale de Milhaços, Corroios

Sítio Classificado Imóvel de Interesse Público

Acesso condicionado



EXTENSÃO DO ECOMUSEU NA QUINTA DE S. PEDRO

Quinta de S. Pedro, Corroios

Campo arqueológico

NECRÓPOLE MEDIEVAL-MODERNA

(SÉCULOS. XIII-XVII)

Acesso condicionado

FICHA TÉCNICA _ Ecomuseu Informação n.º 45 _ WWW.CM-SEIXAL.PT/ECOMUSEU

EDIÇÃO

Câmara Municipal
do Seixal/Ecomuseu
Municipal do Seixal

Distribuição gratuita
Assinaturas a pedido
junto do EMS

DIRECÇÃO E EDITORIAL
Graça Filipe

PARTICIPARAM NESTA EDIÇÃO

Exposições: Graça Filipe, Elisabete Curtinhal e Cláudia Silveira

Programa de Iniciativas de Serviço

Educativo e Agenda: Ana Isabel Apolinário e Graça Filipe

Centro de Documentação e Informação:

Fernanda Ferreira

Conhecer: Fátima Sabino

Carta do Património do Concelho do Seixal:

Jorge Raposo

APOIO NOS RECURSOS
FOTOGRAFICOS E ILUSTRAÇÕES
Fernanda Machado

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS
Indicados nas legendas respectivas

GRAFISMO E REVISÃO
Sector de Apoio Gráfico e de Edições
da CMS

IMPRESSÃO
Grafema, Sociedade Gráfica, S.A.

TIRAGEM
6000 exemplares

ISSN
0873-6197

DEPÓSITO LEGAL
106175/96